

MALÁSIA

TESOUROS DE SARAWAK

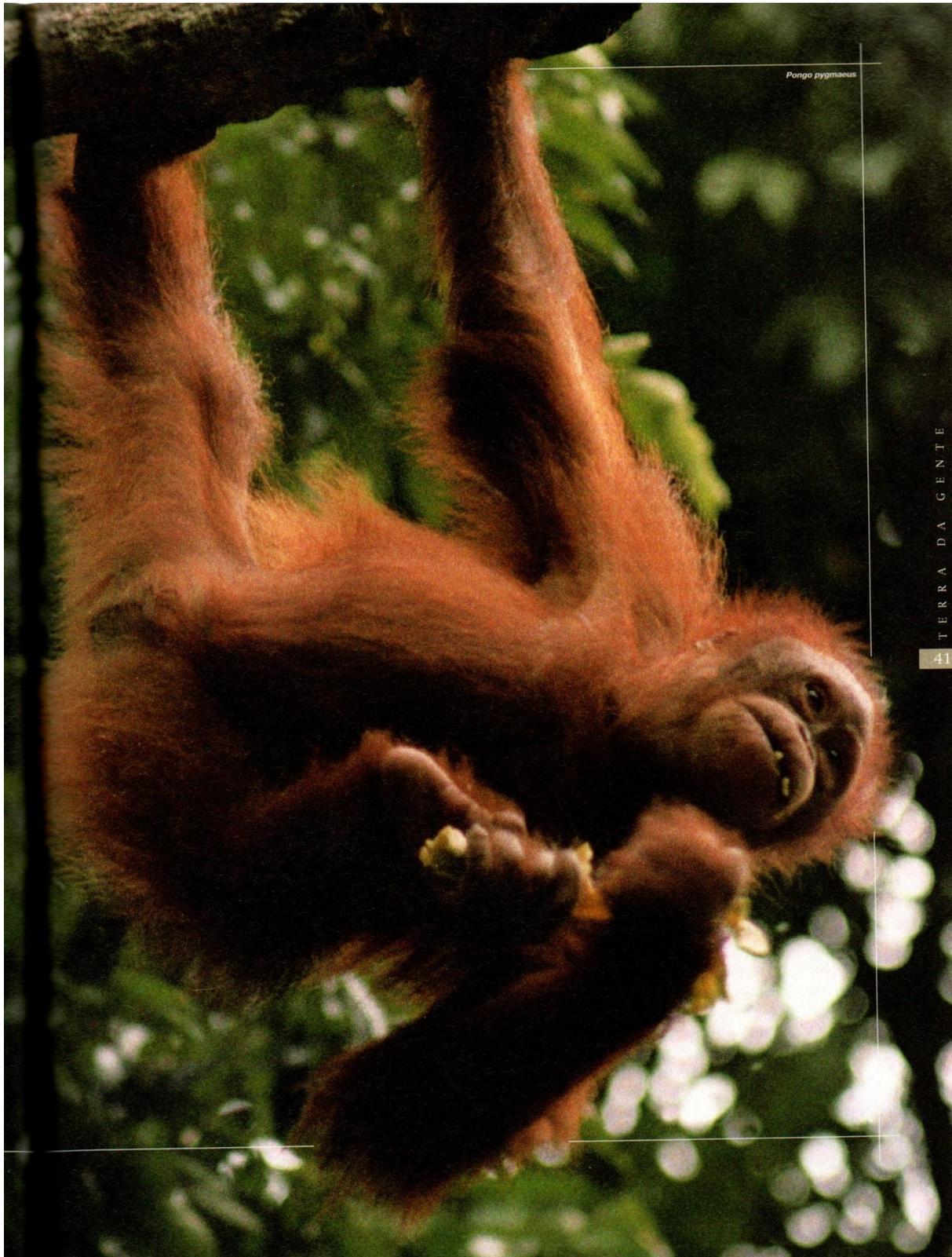
Texto e fotos LIANA JOHN

A terra dos preciosos orangotangos e calaus esconde muitas outras espécies únicas, hoje mais acessíveis ao turismo de observação graças a novos incentivos à visitação dos parques nacionais

Afisionomia é semelhante à da floresta amazônica de terra firme. Exceto pelo plano das trilhas, muito mais inclinado e acidentado, e pelos barrancos dos rios, que nesse pedaço da Ilha de Bornéu são de pedra e não de argila. De resto – as grandes árvores, cipós por toda parte, a grossa camada de folhas mortas pelo chão intensamente recicladas por exércitos de formigas, besouros e fungos – tudo é muito parecido com a densa mata brasileira. Até as áreas dos moradores ribeirinhos se parecem com casas de madeira, algumas palafitas e a roça junto à mata recortada. Aos poucos, olhando melhor,

enxergamos as diferenças nos detalhes: ao invés de milho e mandioca, arroz e pimenta do reino; nos troncos e ramos das árvores, muito menos espinhos; o assédio de mosquitos é bem menor, mas a concentração de sanguessugas, bem mais alta. E a fauna parece estar muito mais escondida!

Para quem navega nos rios amazônicos na expectativa de observar animais, a impressão é de que a quantidade de bichos avistados, muitas vezes apenas de longe ou muito rapidamente, não condiz com a famosa biodiversidade regional. É preciso aprender a reconhecer – nos cantos das aves e dos anfíbios, nos chamados, nos rastros, nos odores e em



Pongo pygmaeus

outros sinais 'disfarçados' — a multidão de seres presentes entre as árvores, arredia ao primeiro olhar. Pois é assim também nos parques nacionais de Sarawak, o maior estado da Malásia, com 124.450 km², localizado na porção noroeste da Ilha de Bornéu. Com um grau maior de dificuldade, pois a pressão de caça nas florestas asiáticas foi, e ainda é, mais intensa. O nascente turismo de observação, amplamente incentivado pelo atual governo, portanto, é uma verdadeira caça ao tesouro, ou aos tesouros vivos, tanto de fauna como de flora.

Uma das espécies mais preciosas, sem dúvida, é o orangotango (*Pongo pygmaeus*), um dos três gêneros de primatas que pertencem à mesma família do homem, Hominidae (os outros dois gêneros são o dos gorilas e o dos chimpanzés). Não só a raridade e a ameaça de extinção fazem do orangotango um tesouro vivo. Conta também sua extrema simpatia e a grande semelhança conosco nas características, comportamentos e expressões que são, paradoxalmente, uma das principais causas de seu crítico estado de conservação, devido à captura para venda a circos e zôos. Outra pressão importante é a perda de hábitat, com os desmatamentos.

No refúgio de fauna Semenggok, a pouco mais de 20 km de Kuching, capital de Sarawak, é possível observar um grupo semi-selvagem: como a área de floresta é pequena e ilhada por ocupações humanas, os animais recebem um suplemento alimentar de frutas, de manhã e à tarde. Nem sempre eles aparecem para comer, mas praticamente todos os dias os turistas se comprimem entre as árvores, em silêncio, de câmeras e bi-



Pongo pygmaeus

Os barqueiros do Batang-Ai

Sentada no centro de um 'barco longo' — ou perahu panjang, como o povo Iban chama suas embarcações no rio Batang-Ai — vigio a água, prestes a vazar para dentro, ora de um lado, ora de outro, enquanto um barqueiro manobra um remo curto à minha frente, à guisa de leme. Rápido, ele troca o remo por uma vara comprida, empurrando a proa do barco com extrema habilidade entre pedras e corredeiras. De quando em vez, ele larga o remo e a vara e pula para fora, empurrando o barco contra a correnteza, com a água pelo joelho. Com o mesmo — incrível — equilíbrio volta para seu posto na proa, sem tirar os olhos do caminho à nossa frente.

O 'rafting' é rio acima e um outro barqueiro controla o motor de popa, que segue destravado e instalado de modo a permitir que se levante a rebeta quando

o leito do rio, raso demais, ameaça a integridade da hélice. O 'barco longo' é uma espécie de canoa de três tábuas, com 10 metros de comprimento e menos de um metro de largura, o único meio de transporte para o Parque Nacional de Batang-Ai, no sudeste de Sarawak. A entrada do parque fica a cinco ou seis horas da capital estadual, Kuching, por rodovia, mais uma hora num barco maior, usado para atravessar o reservatório de uma hidrelétrica. Trocamos o barco grande pelo 'barco longo', acomodando mochilas e câmeras entre as pernas, tudo cuidadosamente envolto em plásticos, pois ninguém, nem nada, sai totalmente seco de uma viagem dessas.

Os dois barqueiros — da proa e da popa — quase não trocam palavras, ouvir seria uma dificuldade extra em meio às corredeiras. Eles trocam olhares e gestos. O





Sus barbatus



NOS PARQUES

O orangotango (pag. 42, um filhote) dispersa as sementes das frutas; o porco-barbado chega perto das casas; o olho-de-veado com a gelatina (esq.) e em sua forma real

do motor segue à risca as indicações do navegador, que sempre se restringe ao trecho de rio onde conhece todas as pedras e acompanha cheias e vazantes. Quando cruzam outros barcos pelo caminho, trocam informações, uns com outros, também na base do gestual.

Nos quatro dias que passei no parque, fiz mais de uma dezena de viagens com os barqueiros do Batang-Ai, rio acima e rio abaixo, sob sol e sob chuva. Por diversas vezes poderia

apostar que o barco não completaria a curva ou escorregaria para cima das pedras, virando e jogando todos na água. Mas nada disso aconteceu. Pegamos alguns respingos e uma ou outra golfada mais forte, e chegamos inteiros. Os esportistas que me perdoem, mas 'rafting' de respeito é com aqueles barqueiros Iban e, entre eles, em especial, o ágil jovem de 27 anos Nanang Ak Mani, há 5 anos na profissão de navegador.



**Os orangotangos
são reencarnações
de parentes,
crêm os nativos**

nóculos em punho, esperando o eventual encontro.

Após uma tentativa frustrada por uma chuva torrencial, em minha segunda visita a Semenggok encontrei uma das fêmeas com seu bebê de colo e o filho mais velho, de pouco mais de 2 anos. Nas florestas, as fêmeas de orangotangos atingem a maturidade sexual em torno dos 7 anos e geram um filhote a cada 4 anos apenas. O intervalo pode ser maior, se a floresta for pobre em alimento. Mas, nesse refúgio de fauna, talvez devido à oferta suplementar de frutas e legumes, quase todas as fêmeas geram um filhote a cada dois anos ou mesmo em intervalos menores. Certamente uma boa notícia para uma espécie tão ameaçada!

O filhote recém-nascido passa o tempo todo agarrado aos longos pêlos da mãe. A amamentação dura quatro meses, mas o filhote continua no colo até um ano de idade. Aí começa a se soltar e passa a 'pegar carona' nas costas da mãe apenas quando a família 'viaja' de um local de alimentação para outro. A dieta inclui frutas — o que faz dos orangotangos importantes dispersores de sementes e 'plantadores' de florestas —, folhas, brotos, flores e cascas de árvores, além de insetos, ovos e pequenos vertebrados.

A facilidade de observar os grandes primatas no refúgio de fauna não se repete nas trilhas do Parque Nacional Batang-Ai, no centro-sul de Sarawak. Acompanho o biólogo Sundai Silang por uma das trilhas mais

Aves com chifre e macacos com tromba atraem os turistas

difíceis da região, atrás dos vestígios da passagem de orangotangos. Um quilômetro nos custa mais de uma hora, entre pequenas escaladas de paredes de pedra lisa, cheias de limo, junto ao rio, e incontáveis desvios no emaranhado da floresta. Com olhos mais acostumados, o pesquisador da agência ambiental Sarawak Forestry localiza os ninhos, arranjos de folhas feitas pelos orangotangos nas forquilhas das árvores altas – em geral a mais de 20 metros do chão – para dormir. “Eles quase sempre usam as mesmas árvores, de umas 15 espécies apenas. Fazem um ninho para cada noite e podemos estimar há quanto tempo passaram por um local pelo estado das folhas, mais verdes ou murchas e secas”, explica. Sundai participa de um estudo sobre primatas em áreas de floresta secundária e observa que os orangotangos se adaptam com mais facilidade do que, por exemplo, os gibões, os mais prejudicados com a fragmentação de habitat.

Entre outros vestígios, na mesma trilha, encontramos folhas e frutos mordidos e o inequívoco cenário de palmito consumido: para chegar ao cerne tenro de algumas palmeiras, os orangotangos abrem as folhas de forma inconfundível. Entre uma anotação e outra, ao descer de volta para o rio, passamos por um ‘olho-

PARASITA

O botão da raflésia cresce na raiz do cipó (alto, esq.), depois de nove meses parece um repolho (dir.), que se abre em flor (no meio) e armazena água e sementes até apodrecer (ao lado)

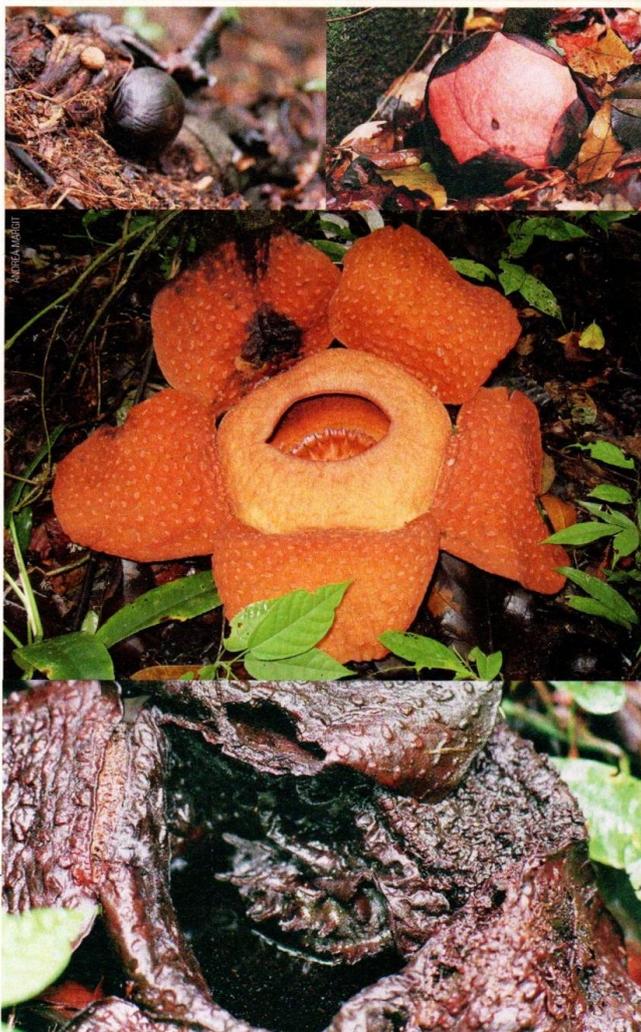


Turismo cultural

Entre o milhão e meio de habitantes de Sarawak, há gente de 27 grupos étnicos diferentes, falando 45 línguas e dialetos. Isso para mencionar apenas os moradores tradicionais daquela porção de Bornéu, sem contar os residentes malaios e chineses, e alguns ingleses, remanescentes dos tempos de colônia britânica. A etnia mais numerosa, correspondente a cerca de 30% da população total, é dos Iban, também conhecidos como colecionadores de cabeças, pois guardam como troféu as caveiras de inimigos vencidos, adornadas e preparadas para durar muito tempo.

Essa diversidade étnica hoje se tornou uma atração turística, e é anunciada com

orgulho nos folhetos e sites oficiais da Malásia. Os roteiros de visitação incluem ‘casas longas’ (long houses), que ainda são a base da estrutura social desse povo. A referência é forte, mesmo para os jovens que vivem nas cidades e trabalham com tecnologias modernas ou com turismo, empenhados em alcançar a meta nacional de transformar a Malásia num país desenvolvido até 2020. Há ‘casas longas’ especialmente preparadas para receber o turista estrangeiro com cerimônias estilizadas, claro, mas a referência cultural real se mostra presente quando se observa que, nas horas de folga, barqueiros, guias, técnicos ambientais e mesmo pesquisadores silenciosamente deixam seus locais de trabalho,

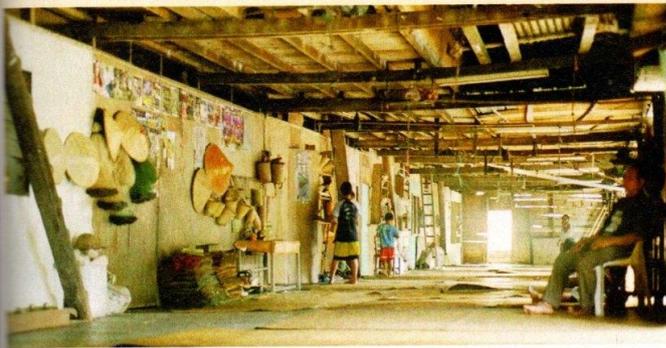


para se reunirem na 'casa longa' mais próxima. E beber e comer à moda tradicional.

Uma 'casa longa' iban é um conjunto de moradias geminadas, construídas em madeira, sobre palafitas, nas margens dos rios, junto à floresta tropical. As portas das casas todas dão para uma espécie de salão comunitário, coberto de esteiras, onde as famílias de cada casa se reúnem e onde são realizadas as cerimônias de boas vindas a visitantes – turistas ou não. Esse salão ainda tem saídas para um pátio, ainda sobre palafitas, usado como quintal: para estender roupas, criar galinhas, abrigar os cachorros...

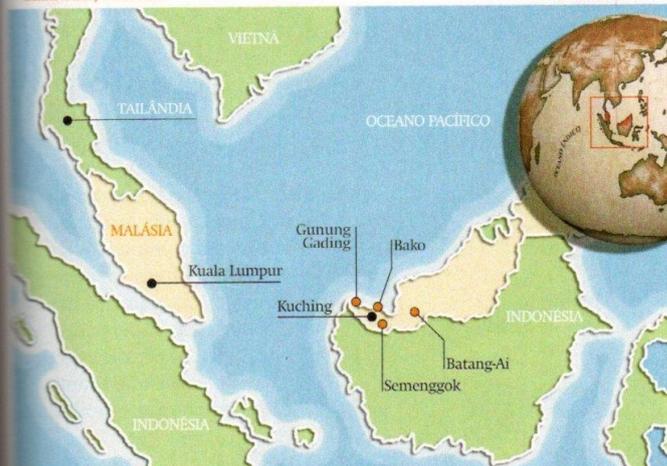
Cada 'casa longa' tem um líder,

cuja função é mais de conselheiro do que chefe político ou religioso. Ele preside as cerimônias de boas vindas, que incluem a oferta de alimentos e danças tradicionais. Ipang Ak Akau, de 63 anos, é o líder da casa Tuai Rumah, nos limites do Parque Nacional Batang-Ai. Ali vivem 95 pessoas de 14 famílias. Com o corpo todo tatuado, ele reclama dos jovens, que não querem mais seguir a tradição e fazer tatuagens como as dele. E explica porque, para os Iban, é tabu matar orangotangos: "eles podem ser um ancestral nosso", diz, referindo-se à possibilidade de o animal ser a reencarnação de um parente e não à proximidade genética entre esse primata e o homem.



ONDE FICA

Sarawak, Malásia



Sarawak é o maior estado da Malásia, com 124.450 km², localizado na porção noroeste da ilha de Bornéu. Mantém relativa autonomia política desde sua união ao País, ocorrida em 1963, quando deixou de ser colônia britânica. Tem 1,5 milhão de habitantes, de 27 etnias, que falam 45 línguas e dialetos diferentes. Cerca de 120 mil habitantes vivem na capital, Kuching. Ainda possui boa cobertura vegetal, constituída principalmente de florestas tropicais, e protegida em 20 parques nacionais e 5 refúgios de fauna.



de-veado': um pequeno cogumelo branco, que emerge do chão da floresta envolto numa gelatina transparente, parecendo mesmo um olho de animal. Depois a gelatina cai e o cogumelo mostra sua forma real, com uma pequena estrela no topo.

De repente, ouvimos improváveis latidos, bem ali perto. Estranho o som, pois estávamos a muitas horas de distância de qualquer instalação humana. Pensei num caçador com cachorro, mas o guia local confirma se tratar de um pequeno veado, com presas (dentes para fora da boca) e um latido forte, igualzinho ao de um cão. Logo adiante, outro som nos detém mais uma vez: um casal de calaus passa ao longe, 'conversando'. Chamados de 'rinocerontes voadores' por causa do formato do bico enorme, ornamentado com uma espécie de 'chifre', essas aves são outro grande tesouro de Sarawak. Representados nas estampas de tecidos tradicionais, nas bandeiras da região, na decoração das casas e objetos de diversas etnias, os calaus são considerados mensageiros espirituais. O status cultural e religioso não os protege, no entanto, da ameaça de extinção por perda de habitat e captura para abastecer o tráfico de animais silvestres. Apesar dos esforços para localizar aquele casal – o único que ouvi em 10 dias nas florestas de Bornéu – continuei apenas com as imagens de zoológico.

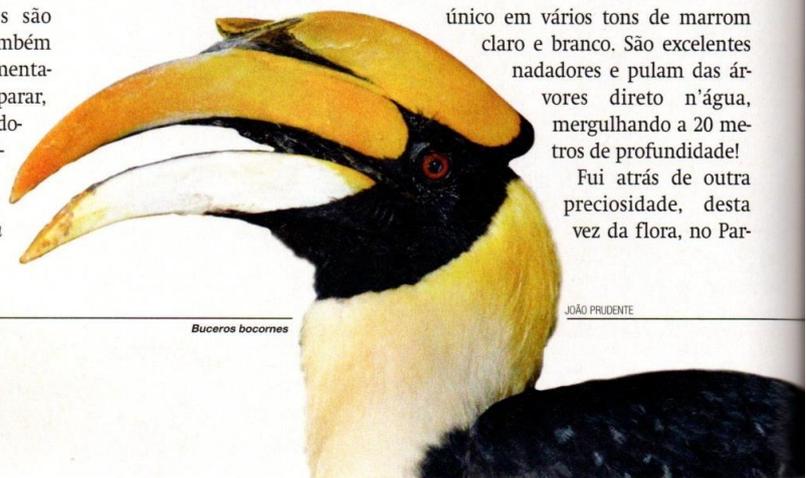
Já no Parque Nacional Bako, uma ilha no litoral sul de Sarawak, o tesouro se esconde onde os mangues encontram a floresta. Ali vive o estranhíssimo násico ou macaco-de-tromba (*Nasalis larvatus*), um animal de 70



Nasalis larvatus

cm e cerca de 20 kg. Ele se alimenta das folhas de uma árvore de mangue – chamada de bako, o nome do parque – e pode ser observado tanto em seu dormitório, nas grandes árvores da floresta litorânea, como no mangue, durante a maré baixa. Trilhas sobre palafitas e pequenos abrigos de observação facilitam a vida dos turistas, que ainda podem topor com porcos-barbados (*Sus barbatus*) e outras espécies de macacos, bem na porta de seus alojamentos!

O násico anda em grupos familiares de meia dúzia de indivíduos: macho, fêmea e filhotes de várias idades. O macho tem um nariz imenso e suas vocalizações são todas anasaladas. A barriga também é proeminente, devido à fermentação das folhas, que come sem parar, sem se abalar com os observadores humanos. A fêmea e os filhotes são mais ariscos, e correm ao menor sinal de perigo. A pelagem tem um design



Buceros bicornes

único em vários tons de marrom claro e branco. São excelentes nadadores e pulam das árvores direto n'água, mergulhando a 20 metros de profundidade!

Fui atrás de outra preciosidade, desta vez da flora, no Par-



CURIOSIDADES

Planta carnívora (esq., alto); o estranho macaco-de-tromba (acima um macho e abaixo fêmea com filhote); o ameaçado calau (no recorte) e a raiz “ponto final” (acima)

que Nacional Gunung Gading, distante uma hora e meia de viagem a partir de Kuching. Ali floresce a imensa raflésia (*Rafflesia tuanmudae*), cujo diâmetro pode chegar a um metro! Descrita em 1865, essa é uma das 17 espécies de raflésia daquela região da Ásia. Trata-se de um gênero de planta muito diferente, parasita, que não produz folhas ou frutos, apenas uma flor e sementes. Conforme explica Enggoh Glak, guarda-parque de Gunung Gading, a raflésia depende inteiramente de um cipó do gênero *Trestigma*, em cujas raízes se fixa. “A semente produz um botão, que leva em torno de 9 meses para crescer, parecendo um repolho bem fechado. Esse botão abre em flor e dura de 4 dias a uma

semana, quando então a raflésia apodrece, ficando escura”, conta. “O centro da flor armazena água de chuva, onde caem as sementes. Quando a flor podre se rompe, a água vaza e carrega as sementes para o solo, onde elas vão se fixar nas raízes do cipó hospedeiro”.

Percorri vários caminhos, sem ter a sorte de encontrar uma flor aberta. Mas vi botões de diversos tamanhos e uma flor ‘passada’, carregada de sementes, cuja flor em pleno viço me foi cedida pela jornalista Andréa Margit, da Conservação Internacional, que esteve no parque uma semana antes de mim. Em Gunung Gading ainda observei diversas espécies de plantas carnívoras, preciosos exemplos da criatividade da natureza. E, no penúltimo dia da minha intensa estadia na Malásia, ao voltar

por uma trilha, encontrei também um ponto final. Todos sabem que um tesouro que se preza tem um mapa, com um X marcando o local exato para onde devemos seguir. Nesse pedaço da Ilha de Bornéu, encontrei tesouros escondidos no alto e embaixo das árvores, ao seguir as longas (e íngremes!) trilhas dos parques nacionais. E acabei por descobrir um X tão real e tão vivo quanto os tesouros escondidos de Sarawak!

AGRADECIMENTOS:

News World Nature
(www.newsworldnature.com) pelo convite para participar do International Media & Environment Summit, em Kuching, Malásia

Sarawak Forestry
(www.sarawaktourism.com) pelo acesso aos parques nacionais visitados

Valentine Risel, gerente assistente de áreas protegidas e conservação da biodiversidade da Sarawak Forestry

Haroldo Castro da Conservation International